

HOMERO, *ODISSÉIA*, I*

O varão, diz-me, ó Musa, multívio, que por muitas vias
Vagou, após destruir a sacra fortaleza de Tróia;
De muitos homens viu cidades e conheceu a mente,
Muitas dores no alto mar padeceu em seu ânimo,
Agarrado à sua vida e ao regresso dos companheiros; 5
Mas nem assim salvou os companheiros, querendo-o
Pois por sua estultícia deles mesmos pereceram,
Néscios, que devoraram as vacas do supereunte Sol
E este por sua vez lhes arrebatou o regressário dia.
Disto nos conta, ó Deusa, filha de Zeus, também a nós. 10
Já todos os outros, que escaparam à abrupta ruína,
Estavam em casa, ao abrigo da guerra e do mar,
E a ele somente, privado do regresso e da mulher,
Ninfa régia o retinha, Calipso, divina entre Deusas,
Nas grutas côncavas, desejando-o por esposo. 15
Mas quando veio o ano, ao circularem os anos,
No qual lhe urdiram os Deuses o regresso ao lar,
Em Ítaca, nem então escapou dos combates,
Mesmo entre os seus. Todos os Deuses se apiedaram,
Menos Posídon, que mantinha impetuosa cólera 20
Pelo divino Odisseu, antes do regresso a sua terra.
Mas esse partiu para os etíopes longínquos,
Etíopes que se dividem em dois ao habitarem extremos,
Alguns no mergulho do Supereunte, outros no levante,
Ele buscava hecatombes de touros e carneiros, 25
Aí ele se regozijava junto ao banquete, os outros
No palácio de Zeus Olímpio estavam reunidos.

Principiou-lhes a falar o Pai dos homens e Deuses,
 Pois lembrou em seu ânimo o irrepreensível Egisto
 A quem o ínclito Orestes Agamemnônida matou, 30
 Dele lembrado falou as palavras entre os imortais:
 “O *pópoi!* Como os mortais acusam os Deuses!
 Pois de nós dizem provirem males, eles porém
 Por estultícia deles mesmos além do lote têm dores,
 Como ainda agora Egisto – além do lote – desposou 35
 A lídima esposa do Atrida, e matou-o no retorno,
 Ciente da abrupta morte, pois nós antes lhe dissemos
 Enviando-lhe Hermes vigilante Argifontes
 Que não matasse nem cobiçasse a esposa
 Pois de Orestes Atrida viria o castigo 40
 Quando adollescasse e desejasse a sua terra.
 Assim falou Hermes, mas não ao imo de Egisto
 Persuadiu visando bens, e agora pagou tudo junto.”
 Respondeu-lhe a Deusa de olhos glaucos Atena:
 “Ó pai nosso Cronida, supremo dentre os reis, 45
 Com certeza aquele jaz com adequada morte,
 Que pereçam também outros que façam tais atos;
 Mas por Odisseu sapiente dilacerara-se meu cor
 Com má sorte ele longe dos seus padece penas
 Em ilha circúnflua onde está o umbigo do mar 50
 Ilha arborosa, a Deusa num palácio habita,
 Filha de Atlas de funesto siso e que do mar
 Todos os fundos sabe e sustém ele colunas
 Longas que ao redor sustém a terra e o céu.
 A filha dele prende o infeliz lamuriente 55
 E com sempre macias e sinuosas palavras
 Encanta-o para olvidar Ítaca, e Odisseu

Desejoso até de ver a fumaça fugaz
De sua terra, deseja morrer. Não se comove
O teu coração, ó Olímpio? Não é que Odisseu 60
Junto às naus dos argivos agraciava sacrifícios
Em Tróia vasta? Por que lhe deste tanta dor, Zeus?”
Em resposta lhe disse o agrega-nuvens Zeus:
“Filha minha, que fala te fuge do cerco dos dentes?
Como de Odisseu divino eu me esqueceria? 65
Ele tem a mente superior aos mortais, e sacrifícios
Fez aos Deuses imortais, aos que têm o vasto céu;
Mas Posídon sustém-terra sempre com rigor
Ressente o ciclope, cujo olho ele cegou,
O divino Polifemo, cujo poder é máximo 70
Entre todos os ciclopes. A ninfa Toosa o gerou,
Filha de Fórcis, rei do mar sem messe,
Nas grutas côncavas unida a Posídon.
Por isso a Odisseu Posídon treme-terra
Não mata, mas lança longe da terra pátria. 75
Eia! Nós aqui ao redor concebamos todos
O retorno, que ele volte! Posídon deixará
Seu rancor, pois não poderá contra todos
Os Imortais sem vênias dos Deuses lutar só.”
Respondeu-lhe a Deusa de olhos glaucos Atena: 80
“Ó pai nosso Cronida supremo dentre os reis,
Se agora é grato aos venturosos Deuses
Retornar Odisseu multisciente à sua casa
Hermes então o mensageiro Argífontes
Enviemos à ilha Ogígia o mais rápido 85
A dizer à ninfa de belas tranças a infalível decisão:
O regresso de Odisseu pertinaz, que ele volte.

Eu entrementes irei a Ítaca para que ao seu filho
 Mais incite e em seu íntimo infunda coragem,
 De modo a conclamar à ágora cabeludos aqueus 90
 E a coibir a todos os pretendentes que lhe todo dia
 degolam muitas ovelhas e flexípedes fléxeis bois.
 Enviá-lo-ei a Esparta e a Pilos arenosa
 Para saber do retorno do pai, caso ouça algo,
 E para que tenha entre os homens nobre glória.” 95
 Assim falou, e atou sob os pés belas sandálias
 Imortais, áureas, que a levam sobre a úmida via
 E sobre a terra imensa com os sopros de vento.
 Agarrou sólida lança aguçada com fino bronze
 Grave grande grossa com que domina as fileiras 100
 De heróis com os quais se irrita a de robusto pai.
 Desceu dos cimos de Olimpo, de um salto,
 Deteve-se em Ítaca junto às portas de Odisseu,
 Na soleira do pátio. Tinha na mão brônzea lança
 Quando vista no hóspede rei dos táfios Mentés, 105
 E descobriu pretendentes soberbos. Eles então
 Com dados diante das portas alegravam o ânimo
 Sentados em couros de bois que eles mataram.
 Arautos e solícitos servidores para eles
 Misturavam vinho e água nas crateras, 110
 Outros com esponjas multiporosas lavavam
 E dispunham mesas, outros picavam muita carne.
 Muito primeiro a viu Telêmaco deiforme,
 Sentou-se entre pretendentes, ofendido no coração,
 A ver no seu íntimo o pai nobre, se de alhures viesse 115
 E fizesse no palácio a dispersão dos pretendentes,
 Tivesse ele próprio honra e com seus bens reinasse.

Assim pensando sentado entre pretendentes viu Atena.
Foi direto ao portão, irritou-o no ânimo
O hóspede tanto ficar de pé à porta, e indo perto 120
Pegou a mão direita e recebeu a brônzea lança,
E falando dirigiu-lhe estas palavras aladas:
“Salve, hóspede, estejas em casa conosco,
Toma o repasto e diz de que tens necessidade.”
Assim disse, e guiou, ela seguiu – Palas Atena. 125
Quando já estavam dentro do alto palácio
Pôs de pé a lança junto à longa coluna
Dentro do porta-lança polido, onde estavam
Muitas outras lanças de Odisseu pertinaz,
Fê-la sentar-se na cadeira, estendido o linho 130
Belo trabalhado, sob havia apoio para os pés,
Ao lado pôs assento colorido, longe dos outros
Pretendentes, para que não no meio do tumulto
O hóspede tomasse o repasto entre os soberbos,
E para que o interrogasse sobre o pai ausente. 135
A serva trouxe e verteu água lustral com jarro
Belo de ouro sobre uma bacia de prata.
A intendente cuidadosa trouxe pão e ofereceu
E muita comida dispôs agradando os presentes. 140
O trinchador pôs erguidos pratos de carnes
Diversas e pôs-lhes ao lado áureas taças.
O arauto ia e vinha a servir-lhes o vinho.
Vieram os pretendentes viris. Eles então
Sentaram-se em filas nas cadeiras e assentos. 145
Arautos lhes verteram água sobre as mãos,
As servas amontoaram pão nos cestos,

Jovens coroavam as crateras de bebida.
 Eles lançaram as mãos sobre a mesa posta.
 E quando expulsaram o desejo de beber e comer 150
 Os pretendentes, outros jogos lhes importam,
 Canção e dança, as ofertas do banquete.
 O arauto pôs a belíssima cítara nas mãos
 De Fêmio, cantor dos pretendentes por coerção;
 Ele que dedilhava lançava seu belo cantar, 155
 E Telêmaco disse a Atena de glaucos olhos
 Tendo perto a cabeça para outros não ouvirem:
 “Hóspede meu, terás ira por mim que eu diga?
 Isso lhes importa, cítara e canto,
 Fácil pois comem impunes alheios víveres 160
 Do varão cujos ossos alvos apodrecem à chuva
 Jazendo em terra, ou a onda no mar os enrola.
 Se ele fosse visto retornando à Ítaca
 Todos rezariam para ter mais leves pés,
 Em vez de opulento ouro e vestes 165
 Mas ele pereceu por má sorte, nenhum
 Calor para nós se algum terrestre homem
 Diz que virá, perdeu-se o seu regressário dia.
 Eia! Diz-me isto e fala sem tergiversar:
 Quem és, donde vens, onde tens a cidade é os pais? 170
 Vieste sobre que nau, como te conduziram
 Marinheiros a Ítaca? Quem se ufanavam ser?
 Pois não creio que chegaste a pé aqui.
 Diz-me a verdade para que eu bem saiba,
 Vens em nova visita ou és também um hóspede 175
 Paterno, pois muitos outros conhecem nossa casa,
 Pois também ele era de percorrer entre os homens.”
 Disse-lhe a Deusa de glaucos olhos Atena:
 “Pois sim eu te falarei sem tergiversar.

| | |
|--|-----|
| Mentes, filho de Anquíalo sapiente, ufano-me | 180 |
| De ser, e reino entre os táfios amigos do remo. | |
| Agora assim com navio e companheiros desci, | |
| Naveguei o víneo mar a homens de outra língua, | |
| A Têmesa por bronze, e transporto ígneo ferro. | |
| Meu navio está nos campos longe da cidade | 185 |
| No porto Fluente, sob o monte Naval nemoroso. | |
| Hóspedes paternos um do outro ufanamo-nos de ser | |
| Dês o começo, se fores e indagares o velho | |
| Laertes herói, que dizem não vir à cidade | |
| Não mais, longe nos campos padece males | 190 |
| Com a velha serva que comida e bebida | |
| Lhe serve, quando a fadiga lhe prende os membros | |
| Vai de rastros na colina do vinhedo. | |
| Agora eu vim, pois disseram-me estar no país | |
| Teu pai, mas os Deuses lhe barram o caminho | 195 |
| Pois não é morto sobre a terra o divino Odisseu | |
| Mas ainda alhures vivo está preso no vasto mar | |
| Em ilha circúnflua, ásperos homens o retêm, | |
| Selvagens que o retêm a contragosto. | |
| Agora eu te farei profecia como no ânimo | 200 |
| Imortais golpeiam e como penso que cumprirá, | |
| Não sendo profeta, nem sabedor de auspícios: | |
| Não muito tempo longe de sua terra pátria | |
| Estará, nem se o retêm cadeias de ferro; | |
| Tramará como voltar, pois é multifário. | 205 |
| Eia! Diz-me isto e fala sem tergiversar, | |
| Se tão alto és filho de Odisseu mesmo. | |
| Muito assemelhas na cabeça e nos olhos | |
| Àquele, pois freqüente nos reuníamos um e outro | |
| Antes de ele ir para Tróia, onde outros | 210 |
| Os melhores argivos foram em côncava nave, | |

Depois nem eu vi Odisseu nem ele a mim.”

Diante dela Telêmaco inspirado disse:

“Sim, hóspede, eu te falarei sem tergiversar,
A mãe diz que sou filho dele, e eu mesmo 215

Não sei, não se reconhece por si a sua origem.

Ah! Pudesse eu ser filho de algum venturoso

Homem que chegasse à velhice entre seus bens!

Mas o mais sem sorte nasceu dos homens mortais

E dele me dizem nascido, já que me indagas.” 220

Respondeu-lhe a Deusa de glaucos olhos Atena:

“Não te deram os Deuses geração sem nome

no porvir, pois assim é que te gerou Penélope.

Eia! Diz-me isto e fala sem tergiversar:

Que banquete, que reunião é esta? Que te obriga? 225

Festa ou núpcias? Pois não é repasto comunitário.

Parecem-me com soberbia os insolentes

Banquetearem-se no palácio. A ver os vexames,

Indignar-se-ia quem entre eles fosse prudente.”

Diante dela Telêmaco inspirado disse: 230

“Hóspede, já que me perguntas e indagas,

era esta casa outrora opulenta e irrepreensível,

era-o quando ele ainda estava na região.

Outra agora decidiram Deuses a meditar males:

Eles o tornaram invisível junto a todos 235

Os homens, pois não assim me afligiria se morto

Se entre os companheiros caísse em terra troiana,

Ou nos braços dos seus, quando movia guerra.

Os aqueus reunidos lhe fariam um túmulo

E a seu filho no porvir grande glória ergueria. 240

Agora sem glória as Harpias o raptaram,

Foi-se invisível ignorado e a mim dores e prantos

Deixou, não mais por ele dolorido eu lastimo
Só – outros maus pesares os Deuses me deram.
Pois quantos nobres dominam as ilhas 245
Dulíquio, Same e a nemorosa Zacinto,
E quantos são soberanos em áspera Ítaca,
Tantos pretendem minha mãe e roem a casa.
Ela nem recusa hediondas núpcias, nem fim
Pode pôr. Eles fazem ruína a comerem 250
Minha casa, logo me trucidarão também.”
Apiedou-se e disse-lhe Palas Atena:
“O *pópoi!* Muita falta faz o ausente Odisseu,
Pusesse ele as mãos nos pretendentes descarados!
Se agora viesse e nas primeiras portas da casa 252
Estivesse, com elmo, escudo e duas lanças,
Sendo tal qual eu o vi pela primeira vez
Em nossa casa a beber e a alegrar-se,
Vindo de Éfira, da casa de Ilo, filho de Mérmero!
Foi também lá sobre rápida nau Odisseu 260
A buscar droga homicida para com ela
Untar setas bronzeadas, mas Ilo não lhe
Deu, por temer ira dos Deuses sempre vivos.
Mas meu pai lhe deu, pois muito o amava.
Se assim se reunisse aos pretendentes Odisseu, 265
Todos teriam rápida morte e amargas núpcias,
Mas isso de fato jaz nos joelhos dos Deuses,
Se há de regressar e de os punir, ou não,
Em seu palácio. A ti te exorto que penses
Como expulsar os pretendentes do palácio. 270
Eia! Agora ouve e entende minhas palavras:
Amanhã conclama à ágora os heróis aqueus,
Diz a palavra a todos e os Deuses testemunhem.
Exorta os pretendentes dispersarem-se aos seus;

E tua mãe, se o ânimo a impele às núpcias 275
 Voltar ao palácio de seu pai poderoso;
 Eles farão as núpcias, e disporão dotes
 Muitos, quantos convém que sigam a filha.
 A ti mesmo darei sábio conselho, se ouvires:
 Arma um navio de vinte remos, o melhor, 280
 Vá informar-te do pai há muito ausente,
 Caso algum mortal diga ou ouças a voz
 De Zeus, que mais traz glória aos homens.
 Primeiro vá a Pilos, indaga Nestor divino,
 Daí a Esparta, à casa do loiro Menelau, 285
 o derradeiro a vir entre aqueus de brônzeo manto.
 Se do pai ouvires que é vivo e que retorna,
 Ainda que roído suporta ainda um ano,
 Mas se ouvires que é morto e que já não vive,
 Retorna entrementes à tua terra pátria, 290
 Dá-lhe túmulo e muitas oferendas fúnebres,
 quantas convém, e dá a mãe a um marido.
 E quando isso tiveres feito e perfeito,
 Cuida então em teu íntimo e em teu ânimo
 Como aos pretendentes em teu palácio 295
 Matar com dolo ou às claras. Nada te obriga
 A ser néscio, pois não tens mais tal idade.
 Ou não sabes que glória teve divino Orestes
 Junto a todos, pois matou o matador do pai,
 Egisto doloso, que lhe matou o ínclito pai. 300
 E tu, amigo, pois bem te vejo belo e grande,
 És valente, para que te bem digam pósteros.
 Eu entrementes partirei já para a rápida nave
 E companheiros, talvez aflitos à minha espera.

| | |
|---|-----|
| Tu mesmo pensa e cuida de minhas palavras.” | 305 |
| Diante dela, Telêmaco inspirado disse: | |
| “Hóspede, de fato com amizade assim falas, qual pai a filho, e não me esquecerei disso. Mas agora espera, por compelido à viagem, Após te banhares, e satisfeito o coração, | 310 |
| Com um dom, vás ao navio, alegre o ânimo, Valioso e belo dom, que terás no tesouro, Meu dom, qual hóspedes dão a seus hóspedes.” | |
| Respondeu-lhe a Deusa de glaucos olhos Atena: | |
| “Agora não mais me prendas, ansioso por viagem, o dom que a me dar o teu coração te exorta, dá-me quando retornar para levar para casa, escolhido um belo, e um digno terás em troca.” | 315 |
| Assim disse e partiu a de glaucos olhos Atena, E qual um pássaro voou não vista. No ânimo | 320 |
| Pôs-lhe força e coragem, lembrou-o do pai Ainda mais que antes. Ele em seu íntimo entendeu E maravilhou-se no ânimo, pois soube ser Deus, E logo foi aos pretendentes, jovem símil a Deus. | |
| Entre eles cantava o ínclito cantor, e em silêncio | 325 |
| compraziam-se a ouvir, cantava o regresso de aqueus Lúgubre, que de Tróia lhe impôs Palas Atena. | |
| No salão de cima, ouviu-lhe o divino canto A filha de Icário, a circunspecta Penélope, E desceu a alta escada de seu palácio | 330 |
| Não só, junto a seguiam duas servas. Ao chegar aos pretendentes divina entre mulheres Deteve-se junto à pilastra do teto bem construído, Mantendo diante das faces o brilhante véu, | |

| | |
|---|-----|
| Servidora cuidadosa de cada lado a escoltava. | 335 |
| E com lágrimas então disse ao divino cantor: | |
| “Fêmio, sabes muitos outros cantos dos mortais, feitos de varões e de Deuses que cantores gloriam, um desses canta-lhes sentado perto, e em silêncio bebam vinho, mas põe fim a esse canto | 340 |
| lúgubre, que no peito sempre me dilacera o coração, pois atinge-me dor inolvidável. Tais saudades tenho, sempre lembrada do varão cuja glória é vasta por Grécia e Argos.” | |
| Diante dela Telêmaco inspirado disse: | 345 |
| “Minha mãe, por que recusas ao fiel cantor Divertir-se como a intuição o incita? Não têm culpa Os cantores, mas Zeus talvez tenha culpa, ele dá Aos homens come-pão como a cada um concede. | |
| Não o repreendas por cantar a má sorte dos dânaos, pois os homens mais glorificam o cantar que aos ouvintes envolva com mais novidade. Suportem ouvi-lo o teu coração e teu ânimo. Não somente Odisseu perdeu o regressário dia | 350 |
| Em Tróia, muitos outros também se perderam. | 355 |
| Vá para casa e toma conta de teus trabalhos, Trama e tear, e exorta que as servas se apliquem ao trabalho. Os varões cuidarão da palavra, todos, e sobretudo eu, de quem é o poder em casa.” | |
| Ela maravilhou-se e voltou para casa | 360 |
| Pôs no ânimo a inspirada palavra do filho, Subiu ao salão de cima com as servas, Chorou então Odisseu até que o sono Suave nas pálpebras lhe pôs Atena de olhos glaucos. | |
| Os pretendentes murmuraram no palácio sombrio; | 365 |
| Todos rezaram por deitar-se com ela no leito. | |

Telêmaco inspirado principiou-lhes a falar:
“Pretendentes de minha mãe, soberbos e violentos,
Alegremo-nos agora no banquete, nenhum grito
Soe, pois o bom é ouvir um cantor 370
Tal qual é este, símil aos Deuses na voz.
Na aurora, façamos a reunião e sentemo-nos
Todos para que eu vos diga franca palavra:
Saí do palácio, preparai outros banquetes,
Comendo vossos bens, mudando-se de palácio. 375
Se isso vos parece preferível e melhor,
Destruir impunes os víveres de um só homem,
Tosai, eu invocarei os Deuses sempre vivos
E caso Zeus dê que se retribuam os trabalhos,
Sem vindicta então perecereis dentro de casa.” 380
Assim falou, todos, com os dentes nos lábios,
Admiravam Telêmaco, que com ousadia falou.
Por sua vez disse-lhe Antínoo, filho de Eupites:
“Telêmaco, ensinaram-te sim os Deuses mesmos
A seres grandiloquente e a falares com ousadia. 385
Não te faça rei na circúnflua Ítaca o Cronida,
Como por nascimento é tua herança paterna.”
Diante dele, Telêmaco inspirado disse:
“Antínoo, ainda que comigo te irritasses pela palavra,
Isso sim eu quereria, dando-o Zeus, conquistar. 390
Ou pensas que isso, entre os homens, é o pior?
Não é mal algum ser rei. Logo o seu palácio
Torna-se opulento e maior se lhe faz a honra.
Mas reis entre os aqueus há também outros,
Muitos na circúnflua Ítaca, jovens e velhos, 395
Um deles terá isso, morto o divino Odisseu;
Mas eu serei o senhor de nossa própria casa

E dos servos, que me adquiriu o divino Odisseu.”
 Diante dele, Eurímaco, filho de Pólipo, falou:
 “Telêmaco, isso jaz nos joelhos dos Deuses, 400
 Quem na circúnflua Ítaca será rei dos aqueus.
 Tenhas tu os teus bens e sejas o dono de tua casa;
 Ninguém venha que a malgrado teu por violência
 Devaste os teus bens, em Ítaca, ainda habitada.
 Mas quero, ó caríssimo, saber de teu hóspede: 405
 Onde é esse homem? Onde se ufana ser?
 Onde é que tem sua família e terra pátria?
 Traz alguma notícia de que seu pai está vindo?
 Ou veio movido por seu próprio interesse?
 Quão rápido se foi de súbito, nem esperou 410
 Que o conhecêssemos; à vista não parecia vil.”
 Diante dele, Telêmaco inspirado falou:
 “Eurímaco, o regresso de meu pai se perdeu;
 não mais me fio em notícia, se me viesse de algures,
 nem acolho augúrio, se minha mãe chamasse 415
 ao palácio algum áugure e o interrogasse.
 Esse meu hóspede hereditário é de Tafo,
 Ele se ufana de ser Mentos, filho de Anquíalo
 Sapiante, e entre os tálios amigos do remo é rei.”
 Disse Telêmaco, mas reconheceu a Deusa imortal. 420
 Eles, voltados à dança e ao voluptuoso canto,
 Compraziam-se e esperavam a tarde sobreviesse,
 E nesses prazeres negra lhes sobreveio a tarde;
 Nessa hora, cada um foi para sua casa dormir.
 Telêmaco, que no belo pátio tinha o quarto 425
 Alto, construído num lugar bem protegido,
 Aí foi para o leito, com muitos pesares no íntimo.
 Junto a ele portava flamantes tochas cuidosa e sábia
 Euricléia, a filha de Ope, filho de Pisenor.

Laertes a comprara um dia com seus bens 430
Ainda moça, e deu por ela vinte bois;
Honrava-a no palácio igual à cuidosa esposa,
Não a teve no leito, e evitava a ira da mulher.
Ela portava flamantes tochas, e era das servas
Quem mais o amava, e criava desde pequeno. 435
Abriu a porta do quarto bem construído,
Sentou-se no leito, despiu a túnica macia,
E lançou-a nas mãos da precavida anciã.
Ela dobrou, preparou e pendurou a túnica
No cabide, junto ao perfurado leito. 440
Saiu do quarto, puxou a porta com a aldrava
De prata, e passou o ferrolho com a correia.
Aí, a noite toda, coberto com velos de ovelha,
Refletia sobre a viagem que lhe falou Atena.

JAA TORRANO**
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

NOTAS

* Texto estabelecido por Thomas W. Allen.

** Professor Livre-docente de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP.